



Universidade
Estadual da
Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPOS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LIGIVANIA DA SILVA DE QUEIROZ

**MODA CENTER SANTA CRUZ – PE: UMA ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA DO
COMÉRCIO DE CONFECÇÕES E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS
ENTRE OS TRABALHADORES DO CALÇADÃO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

LIGIVANIA DA SILVA DE QUEIROZ

**MODA CENTER SANTA CRUZ - PE: UMA ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA DO
COMÉRCIO DE CONFECÇÕES E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS
ENTRE OS TRABALHADORES DO CALÇADÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

ORIENTADORA: Prof^a Ms. Marília M^a Quirino Ramos

CAMPINA GRANDE - PB / 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Q3m Queiroz, Ligivania da Silva de
Moda Center Santa Cruz-PE [manuscrito] : uma análise sobre
a dinâmica do comércio de confecções e suas implicações
socioespaciais entre os trabalhadores do calçado / Ligivania da
Silva de Queiroz. - 2016.
42 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Marília Maria Quirino Ramos,
Departamento de Geografia".

1. Geografia Econômica 2. Comércio de Roupas 3. Feira
Livre - Confecções 4. Organização Espacial I. Título.

21. ed. CDD 910.133

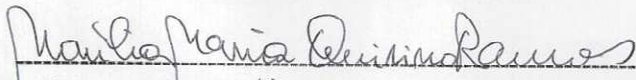
LIGIVANIA DA SILVA DE QUEIROZ


MODA CENTER SANTA CRUZ - PE: UMA ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA DO COMÉRCIO DE CONFECCÕES E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS ENTRE OS TRABALHADORES DO CALÇADÃO

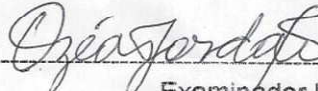
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado (a) em: 05/05/2016.

BANCA EXAMINADORA


Orientadora: Prof.^(a) Ms. Marília Maria Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-DG)


Examinador Externo
Prof.^o Ms. Sebastião Valmir Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-EAD)


Examinador Interno
Prof.^(o) Ms. Ozéias Jordão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-DG)

CAMPINA GRANDE-PB
2016

A minha mãe Severina, pela força, amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde, força e fé para superar as dificuldades que surgiram nessa longa caminhada.

Ao meu esposo José Manoel que com muita paciência e amor cuidava de nossos filhos para que eu pudesse estudar e concluir meus estudos, a meus amados filhos Jorge Neto e João Vinícius que é a razão de meu viver, as minhas irmãs Lucia Cristina, Luciclécia e em especial a Luciara companheira de estudo e das longas viagens à Campina e ao meu irmão Luiz Carlos, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Ao minha orientadora Professora Mestre Marília Maria Quirino Ramos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Queiroz, Ligivania da Silva de. **MODA CENTER SANTA CRUZ - PE: Uma análise sobre a dinâmica do comércio de confecções e suas implicações socioespaciais entre os trabalhadores do calçadão.** 2015. Artigo Científico Curso de Licenciatura em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina - PB, 2016.

Este trabalho tem como objetivo, analisar a dinâmica de comercialização da produção das confecções em Santa Cruz do Capibaribe, localizada no Agreste pernambucano, cidade esta considerada atualmente como o maior Polo de Confecções de América Latina, destacando principalmente o Moda Center Santa Cruz. A pesquisa ressalta a organização socioespacial entre os trabalhadores do Calçadão Miguel Arraes de Alencar. A abordagem da pesquisa é qualitativa e utiliza como subsídio teórico documentos oficiais, fotografias e entrevistas. A pesquisa histórica busca mostrar o processo de produção e venda das confecções na cidade de Santa Cruz do Capibaribe desde o seu início, quando a feira livre de confecções era nas ruas da cidade até a sua transferência no atual e novo espaço o “Moda Center Santa Cruz” localizado a 3km do centro. Mostra também a problemática entre os trabalhadores do calçadão Miguel Arraes de Alencar no qual estão totalmente inseridos nos circuitos inferiores da economia urbana. Busca assim, interpretar através da pesquisa de campo as modificações estruturais e espaciais desse novo espaço de comercialização de confecção e se houve uma melhor acomodação para os trabalhadores informais da feira livre de confecção no Calçadão Miguel Arraes de Alencar.

Palavras-chave: feira livre de confecção, trabalhadores, organização espacial.

ABSTRACT

Queiroz, Ligivania da Silva. **FASHION CENTER SANTA CRUZ - PE: An analysis of the dynamics of the clothing trade and their socio-spatial implications between the boardwalk workers.** 2015 Scientific Article Geography Degree Course. CEDUC / UEPB, Campina - PB, 2016.

This study aims to analyze the market dynamics of the production of clothing in Santa Cruz do Capibaribe, located in Pernambuco Agreste, the city is currently regarded as the biggest Polo Clothing, Latin America, especially highlighting the Fashion Center Santa Cruz. The research highlights the socio-organization among the workers Boardwalk Arraes Miguel de Alencar. The research approach is qualitative and uses the theoretical grant official documents, photographs and interviews. Historical research seeks to show the process of production and sale of clothing in the city of Santa Cruz do Capibaribe from the beginning, when the clothing free fair was on the streets until his transfer in the current and new space the "Fashion Center Santa cross "located 3km from the center. It also shows the problems between the boardwalk workers Miguel Alencar Arraes in which they are fully inserted in the lower circuit of the urban economy. Search so interpreting through field research structural and spatial changes of this new marketing space cooking and if there was a better accommodation for informal workers making free fair in Boardwalk Arraes Miguel de Alencar.

Keywords: making open market, workers, spatial organization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ITEM II – ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - PE.....	10
2.1 Localização.....	10
2.2 Caracterização Física.....	10
2.3 Aspectos históricos da Formação do Município de Santa Cruz do Capibaribe.....	11
2.4 Perfil Populacional.....	11
2.5 Aspectos Econômicos.....	12
3. ITEM III - O SETOR DE CONFECÇÕES E A SUA DINÂMICA ESPACIAL E EM SANTA CRUZ	13
3.1 A importância da atividade enquanto geradora de trabalho emprego e renda.....	17
4. ITEM IV - AS MUDANÇAS SOCIOECONOMICAS E ESTRUTURAIS E OCORRIDAS NA CIDADE DEVIDO AO POLO DE CONFECÇÕES	18
5. ITEM V – MODA CENTER SANTA CRUZ: organização espacial e a dinâmica confeccionista	21
6. ITEM VI – CIRCUITOS INFERIORES DO MODA CENTER SANTA CRUZ : a dinâmica do comércio de confecções e suas implicações socioespaciais entre os Trabalhadores do Calçado	27
6.1 Perfil dos Trabalhadores do Calçado Miguel Arraes de Alencar	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo principal analisar a importância do Moda Center Santa Cruz bem como sua comercialização e organização socioespacial entre os trabalhadores do Calçadão Miguel Arraes de Alencar para a economia do município de Santa Cruz do Capibaribe - PE, cidade esta localizada no Agreste de Pernambuco, a 192 km da Capital. A cidade de Santa Cruz do Capibaribe vem se destacando pelo seu desenvolvimento socioeconômico, gerado pela atividade de produção e comercialização de confecções.

No primeiro item, será feita a caracterização do Município de Santa Cruz do Capibaribe, onde serão abordados vários aspectos como a sua Localização Geográfica, Caracterização Física, Formação Histórica do Município, Perfil Populacional e por fim seus Aspectos Econômicos.

No segundo item abordaremos o setor de confecções e sua dinâmica espacial e econômica, destacando a origem e evolução histórica da Sulanca, que surgiu inicialmente como alternativa de sobrevivência e de complementação de renda para as famílias do Município, visto que as condições climáticas da cidade não serem favoráveis às atividades agropastoris, que eram desenvolvidas outrora, mostrando a importância da atividade enquanto geradora de trabalho, emprego e renda. Atividade esta que teve suas origens praticadas de forma artesanal, rústica, em máquinas manuais, produzindo artigos populares e em pequena quantidade, denominada “Sulanca”, esse tipo de confecções passou a ser conhecida em outras localidades, contribuindo para a fixação deste produto no mercado.

No terceiro item será abordado as mudanças socioeconômicas e estruturais ocorridas na cidade devido ao Polo de Confecções, valendo salientar que o ramo de confecção vai se expandindo com a incorporação de máquinas e novas relações produtivas e com esse tipo de trabalho, a população local tornou-se empreendedora e inovadora no que diz respeito à produção têxtil ressalta também os baixos índices de desemprego em plena região semiárida do Nordeste, e a dinâmica espacial em torno do Polo de Confecção não somente em Santa Cruz, mas também em cidades circunvizinhas. Mostra ainda que a cidade Santa Cruz do Capibaribe é referenciada atualmente como Maior Polo de Confecções da América Latina.

No quarto item a pesquisa irá analisar o Moda Center Santa Cruz, bem como sua organização espacial e a sua dinâmica confeccionista. Nesse sentido a pesquisa consiste em observar as diversas mudanças ocorridas ao entorno desse novo espaço de comercialização para o setor da economia local, mostrando também o crescente aumento de fluxos de mercadorias e trabalhadores aumentando assim a geração de trabalho, empregos e renda, quer

seja, formal ou informal.

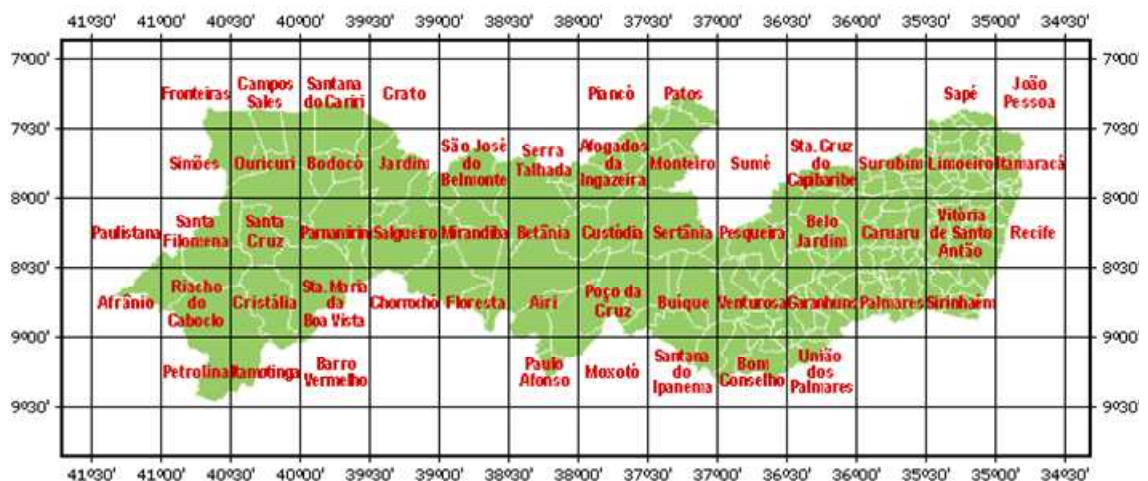
No quinto item é proposta ainda deste estudo, analisar o crescimento das instalações do novo centro de comercialização das confecções que é o Moda Center Santa Cruz, dando maior ênfase ao Calçadão Miguel Arraes de Alencar e as implicações socioespaciais entre os trabalhadores, mostrando que os mesmos estão inseridos nos circuitos inferiores da economia urbana e que também de uma certa maneira vêm contribuindo para a movimentação do comércio e melhorando a qualidade socioeconômica da população, a qual vem ganhando melhorias com o passar dos anos, devido ao desenvolvimento contínuo da atividade confeccionista no Município.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - PE

2.1 Localização

O município de Santa Cruz do Capibaribe está localizado na região Nordeste do Brasil, na parte norte da mesorregião Agreste, na microrregião do Alto Capibaribe do Estado de Pernambuco (Figura 01). A área municipal ocupa cerca de 386,0 km e representa 0,37% do Estado de Pernambuco, pertencendo totalmente à bacia hidrográfica do rio Capibaribe. A sede municipal tem uma altitude de aproximadamente 438 metros e coordenadas geográficas de 07° 57' 27" de Latitude Sul e 36° 12' 17" de Longitude Oeste, distando 194,3 km da capital do Estado - Recife, cujo acesso é feito pelas BR-232/104 e PE-130 (IBGE, 2006).

Figura 01: Mapa de Pernambuco



Fonte: Zoneamento de Pernambuco. www.uep.embrapa.br/zone. Acesso dia 21/02/2016.

Santa Cruz do Capibaribe limita-se ao Norte com o Município de Barra de São Miguel (PB); ao Sul com o Município de Brejo da Madre de Deus; a Leste com o Município de Taquaritinga do Norte e ao Oeste com o Município de Jataúba.

2.2 - Caracterização Física

O município encontra-se inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do Semi-Árido nordestino, caracterizado por uma superfície de pediplanação bastante monótona, relevo predominantemente suave-ondulado, cortada por vales estreito, com vertentes dissecadas. Elevações residuais, cristas pontuam a linha do

horizonte. Esses relevos isolados testemunham os ciclos intensos de erosão que atingem grande parte do Sertão nordestino (CPRM, 2001).

A morfologia do município de Santa Cruz do Capibaribe, bastante degradada pela erosão, encontra-se sobre o Maciço da Borborema em uma área de superfície aplainada, cujas altitudes variam de 400 a 500 m, onde se elevam formas residuais de níveis altimétricos da ordem de 600 a 750 m, destacando-se dois conjuntos montanhosos formados pela Serra do Pará (cota máxima de 749 m) e a Serra do Exu (592 m), situados a noroeste e a leste do município, respectivamente (CPRM, 2001)

A vegetação é de Caatinga Hiperxerófila com trechos de Florestas Caducifólia. O clima é do tipo Tropical Semiárido, com chuvas de verão. O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril. A precipitação média anual é de 431,8mm, apresentando temperaturas elevadas com médias mensais superiores a 24°C (CPRM, 2001).

Santa Cruz encontra-se totalmente inserido nos domínios da Bacia Hidrográfica do Rio Capibaribe. Seus principais tributários são: o Rio Capibaribe e os riachos: Pará, Travessão, dos Pombos, Mingaiú, Olho d' Água e Doce ou Mulungu. O principal corpo de acumulação é o açude de Poço Fundo (27.750.000m³). Todos os cursos d'água no município têm regime de escoamento intermitente com padrão de drenagem dendrítico (CPRM, 2001)

2.3 - Aspectos Históricos da Formação do Município de Santa Cruz do Capibaribe

Santa Cruz do Capibaribe, segundo dados oficiais do IBGE (1957 – 64) já existiam em forma de povoação antes mesmo da vinda do português Antônio Burgos em meados de 1700, o qual é citado como um dos primeiros desbravadores da região. Segundo consta, Antônio Burgos, recém-chegado ao Recife, foi, a conselho médico, levado a procurar terras de clima salubre. Então margeando o rio Capibaribe desde o Recife, aportou na antiga povoação aqui existente. Sua primeira preocupação foi erguer no local uma grande cruz de madeira, daí se originado o atual nome de Santa Cruz do Capibaribe.

Resolvendo estabelecer-se aqui, ergueu uma casa de taipa para sua moradia e uma capela também de taipa onde depositou imagens sagradas que trouxera consigo, inclusive um crucifixo de madeira o qual é conservado até hoje na igreja matriz local. Foram sendo

construídas casas de moradia, em construção rústica de taipa, em frente à capela. Aquela aglomeração passou então cerca de um século sem desenvolvimento devido às condições precárias de comunicação com o resto do mundo.

Em 1892, embora sendo 2º Distrito do município de Taquaritinga do Norte, o até então, povoado viu a instalação de sua Vila. Santa Cruz do Capibaribe caminhou a passos lentos para sua emancipação, e finalmente, pela Lei Estadual nº. 1.818, promulgada em 29 de dezembro de 1953, o então distrito foi elevado a município. Desde sua instalação, o município compõe-se de sede e dois distritos: Santa Cruz do Capibaribe, Pará e Poço Fundo.

2.4 - Perfil Populacional

O município foi criado em 29/12/1953, pela Lei Estadual n. 1.818, sendo formado pelos distritos-sede, Para, Poço Fundo e pelo povoado de Oscarzão. De acordo com o censo 2010 do IBGE, a população residente total é de:

População estimada 2014 (1)	99.232
População 2010	87.582
Área da unidade territorial (km ²)	335,309
Densidade demográfica (hab/km ²)	261,20

IDH-M	0,648 médio PNUD/2010
PIB	R\$ 766 084 mil IBGE/2012
PIB per capita	R\$ 8 336 88 IBGE/2012

2.5 - Aspectos Econômicos

A atividade econômica predominante é indústria e comércio com maior potencialidade de desenvolvimento para confecções de roupas. Cidade que deu certo (fenômeno conhecido como *Milagre da Sulanca*) no Polígono das Secas. Modelo criado pelo próprio povo gera milhares de empresas e de empregos, ao contrário do capital globalizado que reduz o número de empresas e desemprega milhares. Os dias da feira são de segunda-feira a quarta-feira. Atualmente é após a ilha de Fernando de Noronha a cidade com menos pobres em relação a sua população total no estado de Pernambuco, seguida de Toritama, segundo o Pnud/Ipea/FJP, Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, pesquisa realizada em 2010.

Santa Cruz do Capibaribe é o principal ponto de escoação e vendas de confecções de

Pernambuco, que com Toritama e Caruaru formam o destacado triângulo das confecções. Hoje a cidade é o segundo maior polo de confecções do Brasil, superada apenas pela cidade de São Paulo. Atualmente o PIB de Santa Cruz do Capibaribe cresce ao "ritmo chinês" de 11,895% (2014). E possui cerca de 12 mil empresas, segundo o SEBRAE o Estado de Pernambuco possui 22 mil empresas do ramo de confecção, sendo que cerca de 85% ficam em Santa Cruz do Capibaribe.

3. O SETOR DE CONFECÇÕES EM SANTA CRUZ: DINÂMICA ESPACIAL E ECONOMICA

Santa Cruz do Capibaribe teve nos seus primórdios a atividade pecuária, a cultura do algodão e o carvão vegetal como base econômica de sua população rural, enquanto na produção urbana se destacavam manufaturas, compra e venda de calçados.

A população de Santa Cruz do Capibaribe sempre teve uma vocação para comercializar em feiras livres, as tradicionais feiras de rua (figura 02), comuns às cidades nordestinas. Na década de 1940 e 50, o escambo, ou seja, a troca de mercadorias sem intervenção de moeda era bastante utilizada. Nas feiras livres era comum a troca de roupas por outras mercadorias.

Figura 02: Imagem antiga da feira em Santa Cruz do Capibaribe



Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente de Santa Cruz

Santa Cruz do Capibaribe - ainda distrito de Taquaritinga do Norte - já contava com uma das maiores feiras de ruas (Figura 03). O tamanho dessa feira, já na década de 1940, serviu inclusive como forte argumento oficial no processo de emancipação política do lugar, isto porque a feira do distrito era bem maior e mais movimentada do que a feira da própria sede do município.

Figura 03: Foto da Feira de rua em Santa Cruz do Capibaribe



Fonte: Arquivo pessoal Lindolfo de Lisboa.

De acordo com Araújo (2003, p.61), na década de 1940, o povo de Santa Cruz do Capibaribe, pelo menos a maioria, vivia do fabrico de calçados (alpargatas). No final da década de 1950, houve um declínio nas atividades de confecção de calçados.

Houve um declínio na atividade de confecção de calçados, onde, por um lado houve a escassez de matéria-prima, uma vez que a importação de couro torna inviáveis a fabricação de artigos, principalmente na forma de pequenas unidades industriais como era realizada. Por outro lado, a invasão da indústria de plástico penetrava em todo o mercado nacional levando a uma concorrência neste ramo, colocando seus produtos a preços acessíveis e com grande variação de mercadoria, tirando assim a oportunidade de mercado desta atividade. (SOUZA, 1996, p. 15)

Depois do declínio na confecção de calçados começou a aparecer o retalho de tecidos. Pode-se dizer que a atividade de confecção de roupas populares em Santa Cruz do Capibaribe foi ao final da década de 1940 e começo dos anos 50. Segundo Aquino (1980), havia troca nas feiras, em que os “gaioleiros” traziam galinhas do Sertão e das mais diferentes localidades do Agreste e vendiam-nas ou trocavam-nas em Santa Cruz, adquirindo produtos para levarem as localidades em que os comercializavam. Dentre as mercadorias podem-se citar colchas, tapetes e pelegos de retalhos. (Figura 04).

Figura 04 – Foto antiga das mercadorias vendidas na feira pelas sulanqueiras



Fonte: José Romildo Bezerra

A matéria prima utilizada para a produção de confecções populares consistia em sobras de retalhos jogados fora pelas empresas têxteis da região metropolitana do Recife, os quais eram transportados em caminhões de comerciantes que iam vender seus produtos na Zona da Mata. Chegando a Santa Cruz do Capibaribe, o retalho era vendido a preços baixos, uma vez que era obtido a custo zero. Com o passar do tempo, alguns fabricantes começaram a cobrar o que antes era disponibilizado gratuitamente.

A demanda de compradores de retalhos em Santa Cruz do Capibaribe, fez com que os comerciantes partissem para São Paulo em busca de matéria-prima, mesmo a maiores custos. Com a matéria-prima advinda de Recife e de São Paulo, passou-se a produzir roupas populares, as quais eram trabalhadas num processo basicamente manual. As mercadorias produzidas com o retalho passaram a ser conhecidas nas mais diferentes localidades. (AQUINO, 1980).

Um fator que contribuiu para a fixação destes produtos no mercado foi a denominação específica com o que passaram-se a ser referenciadas: “Sulanca”. Existem três versões diferentes para essa denominação.

A primeira refere-se a uma corruptela das palavras “sul” e “helanca” para determinar a “helanca que vinha do sul”. A segunda a um episódio entre um comerciante que transportava as mercadorias e um fiscal governamental. Quando solicitado a

apresentar a documentação dos produtos que transportava, o comerciante teria se referido pejorativamente aos mesmos produtos de baixa qualidade, chamando-os de “Sulanca”, o que significou a não ocorrência de portes tributários. Uma terceira versão não aponta elementos mais precisos, tendo a denominação vindo a ser utilizada por todos apenas para determinar os produtos locais que ficaram conhecidos como simbolização de produtos simples e de baixa qualidade. (SOUZA, 1996, p.17).

Com a intensificação da produção, as relações comerciais tenderam a se aprimorar e os artigos passaram a ser mais constantemente oferecidos no mercado, levando os mascates a programar suas atividades de venda e compra de produtos. Verifica-se que no final dos anos 50 até o início dos anos 70 do século passado ocorreu uma expansão no ramo de confecção devido, talvez, a três fatores, como: a oferta disponível de matéria-prima, a existência de mão-de-obra ociosa para a produção de uma tarefa com processos produtivos muito simples e a facilidade de um mercado além das fronteiras locais.

Duas transformações qualitativas de grande importância começaram a processar-se no decorrer dos anos 60: a incorporação de máquinas e a ocorrência de novas formas de relação de produção. Com isso, a atividade de confecção passou a ser entre outras, a atividade mais dinâmica, o que proporcionou massas adicionais de recursos e mão-de-obra com alguns níveis de qualificação técnicas.

A década de 70 registrou saltos significativos na produção de confecção e a demanda neste momento exigia maior qualidade na produção de roupas, procurando-se cada vez mais trabalhar com tecidos em tamanhos maiores e mesmo em peças inteiras. Com o decorrer dos tempos, muitos confeccionistas passaram a adquirir modernas máquinas de costuras industriais.

Estima-se que por volta do final dos anos 60 e início da década de 70, surgiram as primeiras bancas de feira semanal de Santa Cruz, destinadas exclusivamente a venda da “sulanca”, com possibilidade de vender diretamente a consumidores.

A década de 80 é caracterizada por uma acentuada evolução, tanto em termos de qualidade com de quantidade pela expansão que alcançaram os produtos. Uma vez que as produções de Santa Cruz passaram da “sulanca” para condição de “confecção” com roupas de melhor qualidade, o poder de mercado dos atacadistas de tecido foi se firmando e evoluindo.

Depois de 1990, começaram a surgir às primeiras confecções mais trabalhadas, com

melhor qualidade e valor agregado produzidas por algumas empresas da própria cidade. Levando em conta o universo de empreendedores locais, o processo de evolução da atividade confeccionista desenvolveu-se com uma minoria. Essas poucas empresas pioneiras na busca de modernização passaram a servir de espelho para outras empresas do município.

Em relação à feira, nesta mesma época é feito em cadastro com o nome dos feirantes e todos os bancos de feira foram enumerados, são criadas taxas e alvarás além da guarda municipal, para maior segurança dos compradores e vendedores. No final da década de 90 a cidade de Santa Cruz, desponta no cenário nacional, como o “Maior Polo de Confecção do Norte/Nordeste”. É também no final da década de 90 que começou a ser discutida a construção de um Parque de Feiras, parque este com a total infraestrutura para acomodar a feira de confecções.

3.1 A importância da atividade enquanto geradora de trabalho, emprego e renda

Santa Cruz do Capibaribe, através da atividade confeccionista é geradora de ocupação, trabalho, emprego e renda, numa das regiões mais pobres e menos favorecida do país. O Polo de Confecções surgiu como uma alternativa de renda para as famílias que já não conseguiam viver da agricultura, isso porque as condições ambientais de semiaridez não possibilitavam a adequação das culturas.

O desemprego em Santa Cruz é quase zero, 68% da população encontra-se empregada no segmento da confecção. O município produz cerca de 458,4 milhões de peças por ano, gerando um faturamento anual de 963 milhões. Algumas empresas da cidade exportam suas confecções para diversos países como: Estados Unidos, Espanha, Portugal, Inglaterra, Índia, África do Sul.

A economia do município gira em torno da produção de confecção de roupas. Logo no início dessa atividade comercial, as confecções eram em sua grande maioria vendida em feiras livres, nas principais ruas e avenidas do centro da cidade (Figura 05), e com isso causando certo transtorno e uma grande desorganização em que o centro da cidade ficava ao fim de cada feira.

Figura 05 – Imagem da feira quando era no centro da cidade



Fonte: Prefeitura de Santa Cruz do Capibaribe.

Quando a feira de confecção era nas ruas da cidade “feira-livre”, contava com os seguintes números:

- 9000 mil bancos de madeira;
- 25 ruas do centro da cidade são ocupadas pela feira;
- 85 ônibus por semana de turistas e compradores;
- 1200 estabelecimentos comerciais de todos os tipos;
- 25 ruas ocupadas para estacionamento;
- 170 restaurantes, lanchonetes barracas de comidas e bares;
- 300 vendedores que vendiam suas mercadorias no chão;
- 100 carroças de mão que vendiam cabides e outros artigos;
- 70 carros de aluguel média por semana, vans, micro-ônibus, etc.
- 20 pontos de moto táxi ao redor da feira;
- 05 pontos de táxi;
- 04 pontos de ônibus urbano;
- 700 carroceiros de mão;
- 50 carroças de tração animal;
- 30 transportadoras oficiais e não oficiais;
- 120 donos de banco de madeira;

- 300 ajudantes diretos dos donos de bancos de madeira:
- 2.000 carros estacionados ao redor da feira:
- 20.000 pessoas aproximadamente circulam pela feira semanalmente:
- 50 hotéis e dormitórios. (Secretaria de Desenvolvimento Municipal de Indústria e Comércio, 2003).

A atividade de produção de confecção de roupas não somente beneficia o município de Santa Cruz do Capibaribe, mas também as cidades circunvizinhas como Caruaru e Toritama que juntas formam os principais Polos de Confecções do Estado de Pernambuco. Ressaltando dentre essas três cidades citadas, Santa Cruz do Capibaribe é o maior Polo de Confecções do Norte e Nordeste e ainda um dos berços do empreendedorismo no Brasil.

4. As mudanças socioeconômicas e estruturais ocorridas na cidade devido ao Polo de Confecções

Então se percebe a grandiosidade que a atividade confeccionista traz para o município, mostrando seu dinamismo econômico e populacional do lugar. Porém com o passar dos anos, o centro já não comportava o crescimento da feira, ou seja, estava havendo a necessidade de transferi-la para outro local.

Um processo de transição e mudança nasce cercado por muita resistência. O município de Santa Cruz do Capibaribe, bem como esta microrregião do agreste pernambucano, passou a vivenciar a partir de 2000 um momento de profunda transição na forma de comercializar seus produtos. Desde o início, se comercializaram os produtos fabricados nesta região, em feiras livres no meio das avenidas do centro da cidade, uma fórmula bem sucedida no passado, mas que não vem acompanhando o processo de evolução quanto à qualidade no atendimento na economia globalizada. (BEZERRA, 2004, p. 132)

:

Com o aumento de compradores, vendedores, houve a necessidade de construir um local que comportasse todo esse grande contingente de comerciantes, compradores e sulanqueiros, lugar esse que fosse bem estruturado para dar melhor acomodação e organização para a feira.

Então veio a ideia de construir o parque de feira de confecções, o Moda Center Santa Cruz. Em 2001, com o projeto de construção do parque já feito, houve a necessidade de uma parceria do poder público com o privado (o primeiro no Estado de Pernambuco), para poder

fazer esse grande empreendimento na cidade.

Através de projetos, com uma parceria entre a iniciativa privada e a Prefeitura Municipal, foi construída em Santa Cruz do Capibaribe, a 3 km do centro da cidade Moda Center Santa Cruz, o maior shopping aberto de confecções da América Latina.

Em outubro de 2006 foi inaugurado o maior parque de confecções da América Latina, o gigante construído no Agreste Pernambucano, o Moda Center Santa Cruz (Figura 06), que abriga, de modo permanente, a feira de confecções, que antes funcionava como feira livre no centro da cidade. Os números do parque impressionam, construído em 65 hectares, dão a ideia do tamanho desse importante empreendimento no município de Santa Cruz do Capibaribe:

- 320 mil m de área total;
- 120 mil m de área coberta, maior que o Anhembi, em São Paulo;
- 9.624 boxes de feira e 707 lojas;
- Seis praças de alimentação com 58 restaurantes e lanchonetes;
- Setor bancário;
- Posto de saúde, segurança e informações;
- Oito conjuntos sanitários com 179 gabinetes;
- Estacionamento para mais de 4.000 veículos;
- 18 Dormitórios;
- Área de show para 50.000 pessoas;
- 228 funcionários fixos no parque;
- Investimento de mais R\$ 60 milhões.

Toda semana, durante a realização da feira, as segundas e terças, o empreendimento recebe uma média de 30 mil clientes, podendo chegar a 100 mil pessoas nas altas temporadas de vendas (maio/junho e novembro/ dezembro): em sua maioria, lojistas e sacoleiros das regiões Norte e Nordeste, em busca de moda de qualidade com preços diferenciados.

Figura 06 – Imagem do Moda Center Santa Cruz



Fonte: Arnaldo Vitorino, 2006.

O Moda Center Santa Cruz foi ampliado depois de sua inauguração, o que já era grandioso tornou-se maior ainda, com mais boxes e o calçadão (poeirão), refletindo o crescimento econômico da cidade, gerando trabalho, emprego e renda não só para a população local, mas também para cidades circunvizinhas. Esse modelo de empreendimento também é visto em outras localidades, devido a sua organização e estrutura.

De acordo com o estudo sobre as fronteiras da atividade empreendedora no Moda Center Santa Cruz e Feira Livre do Calçadão realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Santa Cruz do Capibaribe, Santa Cruz do Capibaribe é o principal ponto de escoamento e vendas de confecções de Pernambuco, que com Toritama e Caruaru formam o destacado Triângulo das Confecções. O estudo apontou que 20% dos municípios pernambucanos possuem empreendedores no Moda Center Santa Cruz e Feira Livre do Calçadão.(Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município de Santa Cruz do Capibaribe, 2013 - 2014).

5. MODA CENTER SANTA CRUZ: organização espacial e dinâmica confeccionista.

O município de Santa Cruz do Capibaribe vem se modificando em um processo acelerado desde a sua emancipação. Essas transformações espaciais ocorrem devido principalmente ao dinamismo da atividade confeccionista. Atualmente essa atividade fez com que o comércio popular das feiras livres que acontecia no centro da cidade fosse transferida para um local planejado com uma boa estrutura para acomodar de forma definitiva a feira de confecções. Desse modo foi construído O Moda Center Santa Cruz com o intuito de trazer melhorias para os comerciantes e compradores aqui no município.

Porém a estrutura espacial e a organização no Moda Center Santa Cruz não beneficiou todos os comerciantes confeccionistas da cidade. Acredita-se que isso ocorreu devido ao alto custo para se adquirir um “box” ou loja dentro do parque da feira, que apesar de receber o título de maior parque de confecções da América Latina, deixou muitos trabalhadores sem um bom espaço para comercializar.

Quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes. Donde uma reorganização das funções entre as diferentes frações de território. Cada ponto do espaço torna-se então importante, efetivamente ou potencialmente. Sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas. (SANTOS, 1988, p. 11).

Então houve a necessidade de relocar esses trabalhadores, ao entorno do Moda Center, criou-se então o “Calçadão”, conhecido popularmente por (Poeirão). Devido a sua estrutura (Figura 07), que mostra a triste realidade dos trabalhadores da feira livre do Moda Center. Porém esse novo espaço ergue-se sem o mínimo de condições para se trabalhar e receber os compradores, deixando ambas as partes trabalhadores e compradores insatisfeitos.

Figura 07 – Imagem do antigo Calçadão



Fonte: www.blogdojairogomes.com, Acessado em maio de 2015.

Como se percebe no “poeirão” (Figura 08), com seus bancos de madeira e com lonas para se proteger os comerciantes do sol e da chuva nem de longe lembra a estrutura dentro do Moda Center Santa Cruz, o que trouxe indignação para os trabalhadores, excluindo-os da realidade do grandioso Moda Center Santa Cruz.

Figura 08 – imagem do antigo Calçadão



Fonte: Arnaldo Viturino, 2007.

Percebe-se então que houve uma seletividade espacial entre os trabalhadores dentro do Moda Center Santa Cruz (Figura 09), onde muito destes trabalhadores estão na informalidade e são incluídos na categoria que podemos destacar que são os circuitos inferiores da economia

urbana, ou seja, quem não tem um bom espaço para trabalhar são as pessoas com menor aquisição financeira.

No mundo globalizado, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros. (SANTOS, 2008, p.79).

Os novos objetos custam caro. Chamado a implanta-los, em nome da modernidade e das necessidades da globalização da economia, o poder público acaba aceitando uma ordem de prioridades que privilegia alguns poucos atores, relegando a um segundo plano todo o resto: empresas menores, instituições menos estruturadas, pessoas, agravando a problemática social. Assim, enquanto alguns atores, graças aos recursos públicos, encontram as condições de sua plena realização (fluidez, adequação às novas necessidades técnicas da produção), os demais, isto é, a maioria, não têm resposta adequada para as suas necessidades essenciais. Há, desse modo, uma produção limitada de racionalidade, associada a uma produção ampla de escassez. (SANTOS, 2006, p.209).

Figura 09 – Imagem do antigo Calçadão



Fonte: www.blogdojairogomes.com. Acessado em maio de 2015.

Notando-se a grande dificuldade dos comerciantes de confecção no calçadão, o poder público resolveu construir um novo calçadão, junto em uma parceria com o governo do Estado, isso para poder melhorar de forma definitiva os comerciantes e compradores do local.

Com isso houve a necessidade de um estudo para organizar e estruturar esse novo espaço de comercialização na feira livre de Confecção Calçadão do Moda Center Santa Cruz. Estudo esse realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município.

Originária em Santa Cruz do Capibaribe-PE, a cultura empreendedora na atividade confeccionista baseada na micro e pequena empresa familiar fez com que praticamente 98% da população do município optassem por viver na área urbana. Ao longo dos anos, esta mesma cultura empreendedora contagiou milhares de micro e pequenos empreendedores do Agreste pernambucano e do Cariri paraibano. O resultado foi o surgimento de um robusto ecossistema empreendedor, conhecido como “Polo de Confeções do Agreste Pernambucano”. O Polo é um dos maiores e mais produtivos centros de negócios de confeções da América Latina. Com 3.464 micro e pequenos empreendedores de Santa Cruz do Capibaribe e região trabalhando diretamente para escoar a produção de milhares de micro e pequenas unidades produtoras, a feira livre de confeções denominada “Feira do Calçadão” em Santa Cruz do Capibaribe, tornou-se um dos grandes espaços de comercialização do Polo de Confeções do Agreste Pernambucano.

A importância da Feira do Calçadão na geração de emprego e renda, e na distribuição de riqueza no Agreste pernambucano e no cariri paraibano, fica evidente no estudo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Santa Cruz do Capibaribe, que mostra em um dos gráficos, o percentual de empreendedores na Feira do Calçadão e no Moda Center, que comercializam produtos do Brasil, da China e de outros países. Localizada por trás do Moda Center Santa Cruz, numa das áreas mais valorizadas do Agreste pernambucano, a Feira do Calçadão foi criada em 2006, com objetivo de abrigar os feirantes que não tiveram condições financeiras para comprar um box no Moda Center, estrutura que abrigou os feirantes na mudança da tradicional feira de confeções que acontecia nas ruas do centro de Santa Cruz do Capibaribe.

Contudo, ao longo dos anos, a Feira do Calçadão sofreu com a ocupação desordenada e irregular e, conseqüentemente, com um grave processo de deterioração do espaço físico e da pouca infraestrutura existente. A Feira do Calçadão passou a ser conhecida também como ‘Feira do Poeirão’, tamanha a quantidade de poeira no local.

Em 2013, no começo da gestão do prefeito Edson Vieira, uma das primeiras ações da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do município foi a realização de um estudo para conhecer as fronteiras da atividade empreendedora baseada no Moda Center Santa Cruz e na Feira do Calçadão, ‘estruturas que funcionam lado a lado. Simultaneamente com o estudo, foi realizado também um cadastramento dos feirantes que comercializavam na Feira do Calçadão. Com o estudo e o cadastramento prontos, ficou ainda mais evidente a necessidade de priorizar projetos estratégicos e estruturadores, com objetivo de fortalecer a cultura empreendedora e fomentar os micros e pequenos negócios da atividade confeccionista com

foco na sustentabilidade, ou seja, pequenos negócios que sejam lucrativos, ambientalmente responsáveis e socialmente justos (Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município de Santa Cruz do Capibaribe, 2013 - 2014).

Em 18 de novembro o novo Calçadão de Confecções Miguel Arraes de Alencar, feira livre com piso e cobertura, foi entregue de forma totalmente gratuita para cerca de quatro mil famílias confeccionistas de Santa Cruz do Capibaribe e região do Polo de Confecções.

A área total construída com 25.276,03 (vinte e cinco mil e duzentos e setenta e seis) mil metros quadrados, antes conhecido como “poeirão”, recebeu investimentos de R\$ 15 milhões conveniados entre os governos municipal e estadual e vai possibilitar que milhares de famílias que trabalhavam na lama e na poeira tenham um local adequado para receber seus clientes.

O Novo Calçadão (Figura 10), conta com cobertura e piso divididos em três módulos (azul, branco e verde), cada módulo com 1160 boxes medindo 1,5m de comprimento por 90cm de largura, totalizando 3480 boxes, 48 banheiros (distribuídos nos três módulos), 48 pontos de praça de alimentação (lanchonetes e restaurantes), iluminação, 62 lojas e área de estacionamento para automóveis e exclusiva para ônibus de 7.800 m².

Figura 10 – Imagem do novo Calçadão Miguel Arraes de Alencar.



Fonte: www.blogdeigormaciell.com. Acessado em maio de 2015.

Para que os comerciantes das 3.480 bancas da feira não ficassem sem trabalhar, no período de 11 meses de execução da obra, a Prefeitura de Santa Cruz do Capibaribe, ofereceu suporte, organizando uma infraestrutura provisória, que funcionou no terreno vizinho ao

Calçadão.

O raio de atuação do Polo de Confeções atinge mais de 50 municípios e essa importante obra para economia e desenvolvimento social, incluirá aqueles que não puderam comprar seus pontos de venda no Moda Center Santa Cruz, contou o prefeito de Santa Cruz do Capibaribe, Edson Vieira.

Para facilitar o acesso, a gestão municipal também pavimentou 15 ruas e avenidas do entorno do empreendimento, localizadas no bairro Nova Morada. Cerca de três quilômetros de vias, incluindo a Rua Projetada de Acesso ao Novo Calçadão foram entregues, no mês de setembro. (Reportagem Governo de Pernambuco. Setembro de 2014).

De acordo com o estudo sobre as fronteiras da atividade empreendedora no Moda Center Santa Cruz e Feira Livre do Calçadão realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Santa Cruz do Capibaribe, este município representa o principal ponto de escoamento e vendas de confeções de Pernambuco, que com Toritama e Caruaru formam o destacado Triângulo das Confeções. O estudo apontou que 20% dos municípios pernambucanos possuem empreendedores no Moda Center Santa Cruz e Feira Livre do Calçadão.

6. CIRCUITOS INFERIOR DO MODA CENTER SANTA CRUZ: a dinâmica do comércio de confecção e suas implicações socioespaciais entre os trabalhadores do calçadão.

O Moda Center Santa Cruz foi criado para melhorar a atividade confeccionista e o trabalho dos comerciantes em Santa Cruz do Capibaribe, visando atender de forma especial os compradores que vem de outras localidades do Brasil. Porém com a globalização e as novas tecnologias, não houve benefícios de forma igualitária para todos os trabalhadores no novo espaço de comercialização. Essa diferença é notória quando se trata dos setores da economia no Moda Center Santa Cruz. Isso porque dentro do parque de confecções encontra-se os dois circuitos da economia urbana, o Circuito Superior que é o Moda Center Santa Cruz e o Circuito Inferior que é a Feira Livre do Calçadão Miguel Arraes de Alencar.

Um dos circuitos é o resultado da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam deles. O outro é igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligados. (SANTOS, 2008, p.38).

Ainda de acordo com Santos

A diferença fundamental entre as atividades do circuito inferior e do circuito superior está baseada nas diferenças de tecnologias e de organização. O circuito superior utiliza uma tecnologia importada e de alto nível, uma tecnologia “capital intensivo”, enquanto que no circuito inferior a tecnologia é “trabalho intensivo” e frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada. O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe criação considerável. (SANTOS, 2008, p.43).

Nesse contexto, os trabalhadores da feira livre de confecções do Calçadão Miguel Arraes de Alencar, estão totalmente inseridos no circuito inferior da economia urbana. Visto que o circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não-“capital intensivo”, pelos serviços não-modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão. (SANTOS, 2008, p.40).

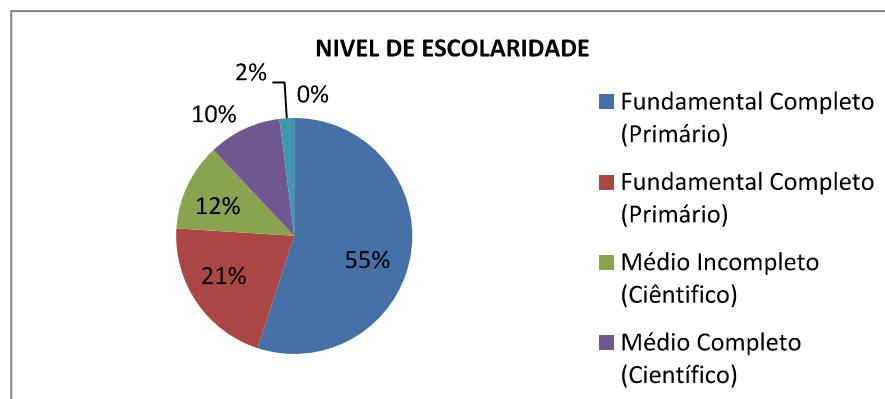
6.1 Implicações socioespaciais entre os trabalhadores do Calçadão Miguel Arraes de Alencar

Analisando as implicações socioespaciais e a dinâmica confeccionista dos

trabalhadores do calçadão Miguel Arraes de Alencar observa-se que houve uma melhora nas condições espaciais do local, que foi construído para melhorar a condição de trabalho dos confeccionistas e principalmente comercialização de seus produtos.

Foi realizada uma pesquisa sobre o perfil dos trabalhadores do calçadão, onde foi aplicado um questionário com os mesmos. Verificou-se que a maior parcela dos entrevistados é do município de Santa Cruz do Capibaribe e que também a maioria são pessoas acima de 30 anos de idade e que vivem do trabalho de feira livre há mais de dez anos.

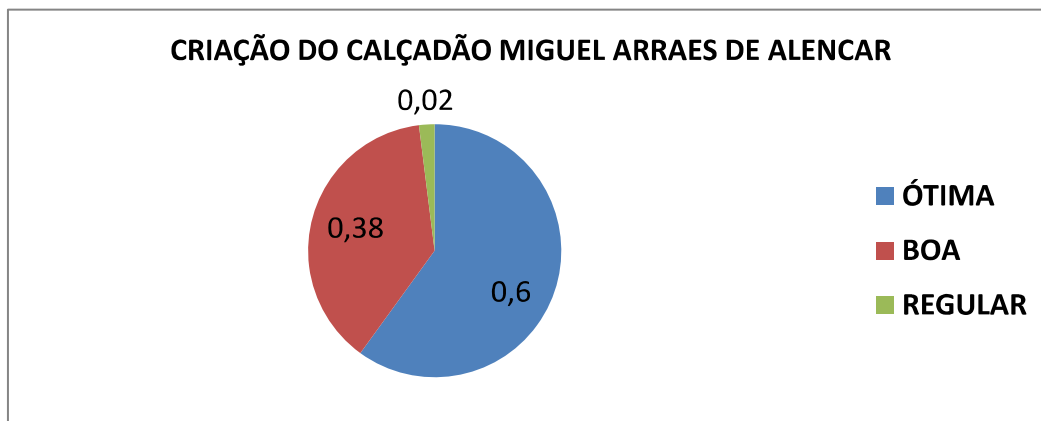
FIGURA 01



Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

Analisando os dados sobre o nível de escolaridade dos entrevistados, observa-se que na figura 11, 52% das pessoas tem baixo nível de escolaridade, ou seja, possuem o Ensino Fundamental incompleto, 21% foram as conseguiram concluir o Ensino Fundamental e 18% não concluíram o Ensino Médio. Já 7% foram os que conseguiram concluir o Ensino Médio apenas e 2% tem o Superior incompleto e nenhum dos entrevistados possuem o Ensino Superior completo. Isso implica em ressaltar que são trabalhadores com mão de obra desqualificada e que estão inseridos no que pode-se chamar de trabalhadores do setor informal da economia. Ao ingressarem na informalidade esses trabalhadores ficam excluídos da possibilidade de usufruírem direitos trabalhistas como aposentadoria, seguro-desemprego, entre outros, reservados aos trabalhadores legalizados e que contribuem com o pagamento de impostos e tributos. Talvez se essas pessoas tivessem um grau de instrução maior, poderiam estar inseridas no circuito superior da economia urbana ou numa melhor condição de vida.

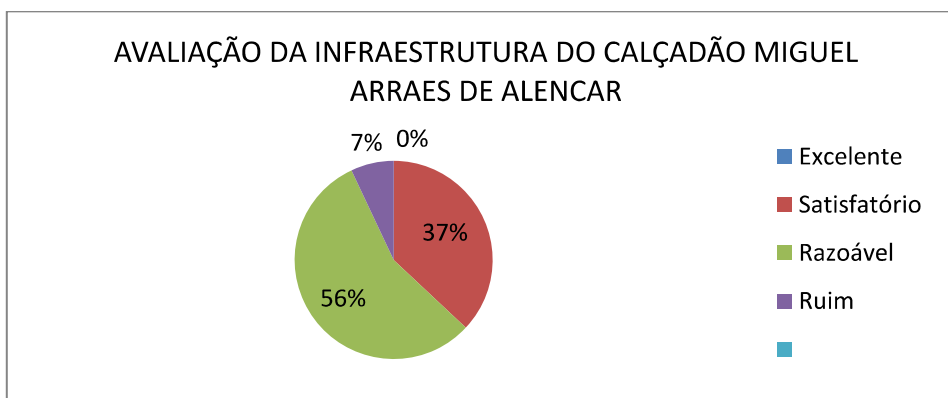
FIGURA 12



Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo junho/2015.

Dando continuidade a pesquisa, foi questionado como é que as pessoas avaliam a criação do Calçadão Miguel Arraes de Alencar. A figura 12 mostra que a maioria dos entrevistados 60% disseram que foi ótimo a criação e construção desse novo espaço, o Calçadão, já 38% disseram que criação foi boa e apenas 2% acharam regular. Esse resultado mostra que o antigo local de comercialização o "poeirão" não dava a mínima condição de trabalho para quem vive da comercialização de confecção em feiras livres. Isso implica também em dizer que a maioria das pessoas tinha uma grande expectativa quanto a criação desse novo espaço e que mesmo trabalhando na informalidade percebe-se que em qualquer atividade econômica é preciso investir em um local digno e de qualidade que melhorasse o fluxo de mercadorias de trabalhadores e dos clientes.

FIGURA 13

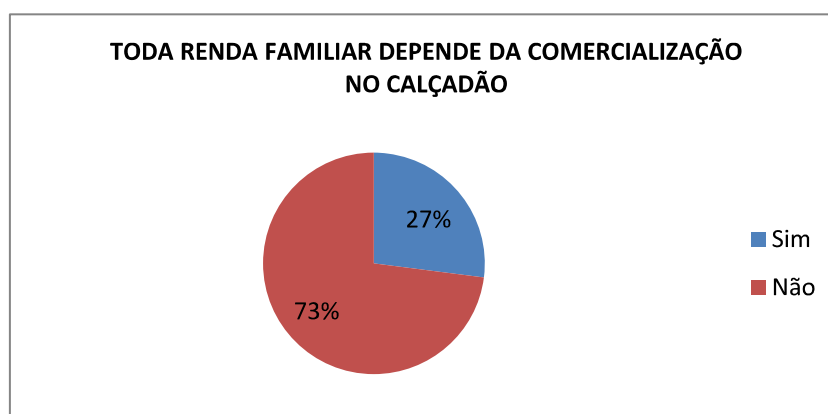


Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

Ainda de acordo com a pesquisa, foi avaliada a questão da infraestrutura do Calçadão, onde 20% acharam a infraestrutura adequada, já 73% disseram que é adequada com restrições

por necessitar de algumas melhorias, apenas 7% optaram que ainda está ruim esse novo espaço de comercialização. O resultado mostra que a maior parcela dos entrevistados de 20% a 73% disseram que o novo espaço de comercialização é bem melhor que o antigo, pois a nova estrutura traz cobertura (antes as bancas eram cobertas com lonas as quais em dias de sol, tornava-se insuportável ficar sobre as mesmas devido às elevadas temperaturas, já em dias de chuvas era outro tormento, pois a chuva muitas vezes molhava a mercadoria, os trabalhadores e assim afastando a clientela), uma nova iluminação (antes as bancas eram iluminadas através de “gambiarras” o que trazia um risco eminente de curto circuito podendo assim causar incêndios e riscos ao ser humano), já em se tratando do piso. Antes quando chovia ficava intransitável, pois o solo ficava enlameado e assim os clientes não tinham interesse em ir às bancas para comprar, já quando o dia era ensolarado e acontecia ventania a poeira subia constringendo assim os sulanqueiros, pois suas mercadorias ficavam empoeiradas. A maioria ainda comenta que esse novo espaço é favorável devido à presença banheiros adequados trazendo assim um maior conforto e comodidade. Porém, mesmo com a mudança do antigo espaço (Poeirão) para o novo Calçadão 7% dos entrevistados não estão satisfeitos, disseram que ainda precisa haver uma melhora quanto à infraestrutura e a organização nesse novo espaço de vendas.

FIGURA 14

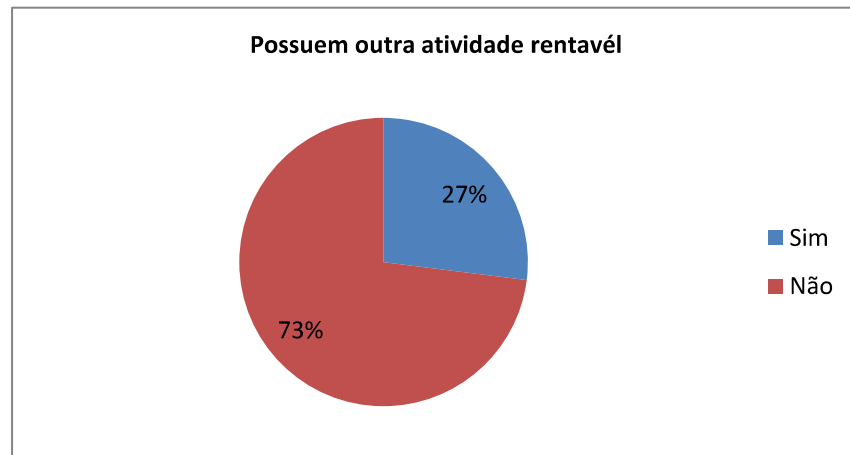


Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

De acordo com a pesquisa em se tratando da renda familiar dos trabalhadores do calçadão, 48% dos entrevistados disseram que toda renda familiar depende da comercialização no Calçadão Miguel Arraes de Alencar e 52% disseram que não dependem exclusivamente dessa atividade tendo outro trabalho para complementar essa renda familiar. Observa-se então que, quase metade dos entrevistados tiram o sustento da família somente das

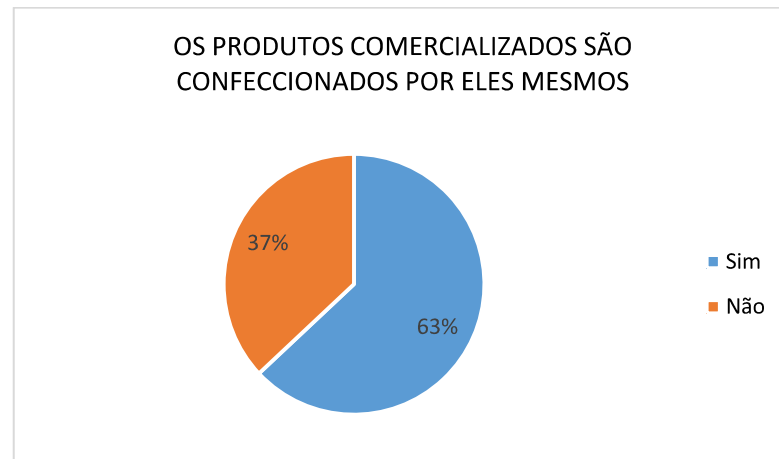
vendas no Calçadão Miguel Arraes de Alencar e isso mostra que é de suma importância ter um espaço apropriado para essas pessoas poderem comercializar toda sua produção de confecção com dignidade.

FIGURA 15



Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

Continuando com a aplicação do questionário foi perguntado se além de vender no Calçadão as pessoas possuíam outro trabalho 27% informaram que possuem outra atividade rentável além de vender no Calçadão, isto porque esse trabalho é só um complemento na renda, porém, 73% disseram que trabalha e depende exclusivamente das vendas no Calçadão. Isso mostra que é de grande importância a atividade de comercialização em feiras livres. A maior parte das pessoas tem uma grande preocupação quanto à qualidade do novo espaço, para que possam atender melhor o público que trabalha nesse ramo de atividade econômica.

FIGURA 16

Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

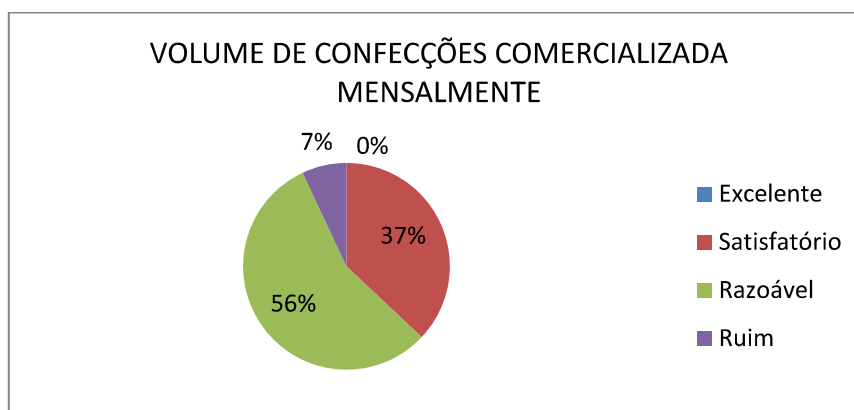
Na pesquisa foi ainda questionado se os produtos comercializados na feira são produzidos pelos próprios feirantes. O resultado mostrou que 63% dos produtos comercializados no Calçadão são confeccionados pelos próprios comerciantes, produtos esses feitos na cidade com a compra de tecidos e aviamentos, gerando assim uma dinâmica com o comércio lojista da cidade, porém, 37% dos entrevistados disseram que não, que os produtos vendidos na feira são adquiridos de terceiros. Isso mostra que a grande maioria dos trabalhadores do Calçadão confeccionam seus próprios produtos e que os mesmos os comercializam nos dias de feiras. Já 37% dos entrevistados conseguem de terceiros a mercadoria para revender, pois ainda não tem condições financeiras de fazer seus próprios produtos, então conseguem as confecções e ao vender recebem comissões dessas vendas e assim conseguem tirar seu próprio sustento.

FIGURA 17

Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

Dando continuidade a pesquisa, perguntou-se se houve um aumento clientes no Calçadão. De acordo com os entrevistados, a totalidade afirmou que houve um aumento significativo no fluxo de clientes no Calçadão, um resultado bem acima do esperado por eles em se comparando ao antigo (Poeirão). Isso mostra que quando se tem uma boa infraestrutura, um local adequado para se trabalhar, uma boa organização, ou seja, esse conjunto de fatores, faz com que haja benefícios não só para os comerciantes, mas também para os clientes e principalmente para a economia da cidade. Mostrando também que o novo espaço de Feira Livre o Calçadão Miguel Arraes de Alencar apesar de estar incluído nos circuitos inferiores de economia urbana é o novo cartão de boas vindas para o comércio local e para as das cidades circunvizinhas. Através desse novo espaço comercial, notou-se a facilidade e um maior fluxo de pessoas, ou seja, houve um melhoramento em se tratando de mobilidade para as pessoas que já frequentam o Moda Center Santa Cruz.

FIGURA 18



Fonte: QUEIROZ, Ligivania da Silva de. Pesquisa de campo Junho/2015.

Continuando com a pesquisa, perguntou-se quanto ao volume de confecções comercializados mensalmente no Calçadão. Mostrou-se que nenhuma das pessoas acham estar excelente a quantidade de mercadorias comercializadas, ou seja, mesmo com um espaço melhor para se trabalhar, atualmente as vendas não estão como desejável 37% responderam que a quantidade do volume comercializados está satisfatória, isto mostra que não houve uma redução drástica nas vendas, já 56% disseram que o volume de comercialização está razoável, justificaram que as vendas não estão melhor como o esperando devido a crise financeira por qual o Brasil está enfrentando e que apenas 7% disseram que ficou ruim, apesar de estarem em um novo espaço, com uma boa estrutura, um lugar mais organizado, o volume das vendas

mensalmente despencaram. Ressaltando, porém que mesmo com a crise os trabalhadores de feiras livres ainda sobrevivem a essas turbulências em que o setor econômico atravessa.

Finalizando a pesquisa, observou-se que a criação do Calçadão Miguel Arraes de Alencar, no Moda Center Santa Cruz houve mais pontos positivos que negativos, visto que para um bom funcionamento da economia local e global se faz necessário dar oportunidade de trabalho a todos, como isso faz gerar emprego, trabalho e renda para o município e principalmente para as pessoas que vivem da comercialização da confecção, atividade esta que orgulha a cidade e a todos que moram nela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Santa Cruz do Capibaribe é conhecida nacionalmente pela “Capital da Sulanca ou Terra das Confeções”, denominação essa que veio através do processo de produção e comercialização de confeções, que com o passar dos anos esses produtos foram se modernizando, fazendo com que a pequena cidade do interior de Pernambuco torna-se destaque no cenário industrial e econômico do país.

São inúmeros os desafios para que Santa Cruz do Capibaribe se mantenha no mercado, visto que a cidade esta inserida numa economia globalizada, dinâmica, com alto grau de complexidade e onde as mudanças ocorrem numa velocidade acelerada, onde a criatividade, o planejamento, o espírito empreendedor, o conhecimento e a informação são fatores essenciais para a sobrevivência do mercado em qualquer parte do mundo.

Santa Cruz do Capibaribe passou ao longo dos anos por transformações espaciais e estruturais devido ao dinamismo de sua economia local. Houve a necessidade da feira tradicional de rua conhecida também como “feira livre” de se organizar para um novo espaço que comportasse uma boa estrutura para a comercialização dos produtos confeccionados na cidade. Fez-se necessário a construção de um parque de feiras, o qual se tornou o Maior Polo de Confeções da América Latina, O Moda Center Santa Cruz.

O Moda Center Santa Cruz foi construído e pensado para atender melhor os clientes e seus comerciantes, porem, esse espaço apesar de gigantesco não foi suficiente para atender todos que trabalhavam na antiga feira de rua, pois para se adquirir um “box” era necessário investir na compra do mesmo, e nem todos os feirantes tinham condições financeiras, havendo por parte do poder público ampliar e construir mais um novo espaço entorno do Moda Center, e assim foi feito o Calçadão Miguel Arraes de Alencar, garantindo também o trabalho daqueles menos favorecidos.

O Calçadão Miguel Arraes de Alencar apesar de ter uma estrutura adequada com restrições por necessitar de melhorias mudou de forma significativa as condições de trabalho dos feirantes e a transitividade dos clientes. Faz-se também necessário ressaltar que além de uma melhor estrutura espacial, a mão de obra precisa se capacitar, tornar qualificada para que esses trabalhadores possam sair da informalidade. Precisa também desenvolver uma política industrial para o município e elaborar um planejamento estratégico para superar os desafios em que o mercado exige cada vez mais das pessoas, empresas e da sociedade.

Por fim, não é pretensão concluir ora o estudo, colocando um ponto final por aqui. Faz-se uma pausa nesta fase de adaptação ao qual se encontra a comercialização e os

trabalhadores informais de confecção no município de Santa Cruz do Capibaribe, deixando o espaço para que outros estudiosos continuem analisando esta temática e fazendo seus registros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Wilson Rodrigues de. **O Ramo de Confecções de Santa Cruz do Capibaribe**. 1980, 104 f. dissertação (Mestrado em Economia). Departamento de Ciências Econômicas da UFPE, Recife, 1908.

ARAÚJO, Júlio Ferreira de. **História de Santa Cruz do Capibaribe**. Editora para todos. 2003.

_____. **História de Santa Cruz do Capibaribe, 2ª edição**. Gráfica Agreste. 2008.

VITURNO, Arnaldo. **Arquivo pessoal**. 2006.

ATLAS do Desenvolvimento Humano do Brasil, 2010.

BEZERRA, Bruno. **Caminhos do Desenvolvimento: Uma história de sucesso e empreendedorismo em Santa Cruz do Capibaribe**. Edições inteligentes. São Paulo

BRASIL. MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. **Secretaria de Minas e Metalurgia; CPRM – Serviço Geológico do Brasil [CD ROM] Geologia, tectônica e recursos minerais do Brasil**, Sistema de Informações Geográficas SIG. Mapas na escala 1:2.500.000. Brasília: CPRM, 2001. Disponível em 04 CD's.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Geografia do Brasil. Região Nordeste**. Rio de Janeiro: SERGRAF, 1977. Disponível em 1 CD.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Mapas Base dos municípios do Estado de Pernambuco**. Escalas variadas. Inédito.

LISBOA, Lindolfo Pereira de. Raimundo Aragão: **sua vida, suas obras**. Brasília, Míriam Regina, 1990.

SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, **Secretaria de Indústria e Comércio**. Departamento de Feiras e Mercados. Relatório Informativo a Comissão de Acompanhamento de Parque de Feiras. Santa Cruz do Capibaribe, 2003. 6p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização do pensamento único à consciência universal**. 16ª edição. Editora Record. Rio de Janeiro. 2008.

_____ " **Os Dois Circuitos da Economia Urbana e suas Implicações Espaciais**" - EDUSP, São Paulo, 2008.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / 4**. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SOUZA, Avanísia Maria de. et. al. **Sulanca “um polo de alta tecnologia em confecções”**. Aspectos históricos, econômicos, políticos e sócio-culturais. Artberg. João Pessoa - PB 1996.

ANEXO I**QUESTIONAMENTOS APLICADOS AOS TRABALHADORES DO CALÇADÃO MIGUEL
ARRAES DE LENCAR**

NOME (OPCIONAL): _____ IDADE: _____

ORIGEM (ONDE NASCEU): _____ (CIDADE/ESTADO).

1. Nível de escolaridade:

- Fundamental Incompleto
- Fundamental Completo
- Médio Incompleto
- Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo

2. Desde quando o senhor (a) trabalha com confecção em feira livre

Data _____ (ano)

3. Como o senhor (a) avalia a criação do Calçadão Miguel Arraes de Alencar

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim

**4. Quanto a infraestrutura do Calçadão Miguel Arraes de Alencar como o senhor (a)
avalia**

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

5. Toda renda de sua família depende da comercialização aqui no Calçadão Miguel Arraes de Alencar

Sim

Não

6. Além de seu trabalho aqui no Calçadão Miguel Arraes de Alencar o senhor (a) possui outro trabalho

Sim, possuo outro. Qual?

Não

7. Os produtos que o senhor (a) comercializa é de sua própria confecção

Sim

Não

8. Na sua concepção houve um aumento de clientes aqui no Calçadão Miguel Arraes de Alencar

Sim

Não

9. Quanto ao volume de confecções comercializadas aqui no Calçadão Miguel Arraes de Alencar mensalmente

Excelente

Satisfatório

Razoável

Ruim